

ENTREVISTA

Sérgio Moriconi / Divulgação



Sérgio Moriconi

Biografia:

Cineasta, professor, sociólogo e crítico de cinema. Dirigiu curtas, entre eles, *Athos*, homenagem ao artista Athos Bulcão. Colaborou no roteiro de curtas e longas. É o criador e curador do *Slow Filme - Festival Internacional de Cinema, Alimentação e Cultura Local*. É autor do livro *Cinema – Apontamentos Para Uma História*. Foi o programador do Cine Brasília entre os anos 2013 a 2018. Integrou, durante vários anos, a comissão curadora do *Festival de Brasília do Cinema Brasileiro*. É vice-presidente da Fundação Athos Bulcão. Foi distinguido com o título de Cavalieri (Ordine Stella D'Italia) pelo governo italiano. Contato: sergiomoriconi@gmail.com

Entrevistadores:

Lúcia Andrade

Mestre em Artes Cênicas/UnB e Especialista em Administração Escolar e Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Professora da SEEDF/EAPE. Contato: luciandrade3@gmail.com

André Arantes

Pós-doutor/Faculdade de Educação da USP e Doutor em Educação Física pelo UCB. Professor da SEEDF/EAPE. Contato: andre.cunha@se.df.gov.br

Educação, Cinema e a formação do pensamento crítico

1. Revista Com Censo: Sérgio Moriconi, candango, pioneiro, chegou em Brasília em 1960. Cineasta, jornalista, sociólogo, roteirista, crítico de cinema, curador de mostras nacionais e internacionais e professor durante 20 anos. Sérgio, o Cinema Brasileiro teve momentos marcantes, como a primeira sessão no Rio de Janeiro, em 1896, o Cinema Novo, o aumento do financiamento do cinema brasileiro, o aumento de cursos de graduação no país e, no presente momento, a consagração do filme, *Ainda Estou Aqui*, de 2024, dirigido por Walter Salles. O filme foi exibido em mais de 50 festivais pelo mundo e ganhou diversos prêmios. Essa produção cinematográfica tem inspirado e movimentado a população brasileira acerca da importância cultural do cinema e de refletir e ressignificar os contextos históricos do Brasil, no que tange, à Ditadura Militar, à democracia, à memória e aos direitos humanos. Diante desse cenário, você poderia discorrer sobre a importância desse momento, e de que maneira esses acontecimentos podem impactar na produção cinematográfica futura do país e na formação do olhar e das experiências de fruição da população, em destaque, a dos estudantes?

Sérgio Moriconi: Havia um verdadeiro frenesi no país em relação à possibilidade de alguma das indicações da obra se ratificar, como foi o caso do inédito Oscar de Melhor Filme Internacional. Mas, é preciso ressaltar, a possível conquista, ou mesmo as indicações ao Oscar, em sua categoria mais prestigiosa, teriam uma relevância que iria além do cinema. Ela se dá em pelo

menos três planos: de mercado, simbólico e político. Do ponto de vista do mercado, as indicações e a conquista na categoria de Melhor Filme Internacional de *Ainda estou aqui* eleva o cinema brasileiro a outro patamar de interesse. O Oscar tem o poder de desencadear uma espiral positiva em vários aspectos, basta ver os mais de 5 milhões de espectadores que já assistiram ao filme. E não é só isso. Simbolicamente, *Ainda Estou Aqui* abre um arco de grande amplitude de reflexão no Brasil e fora dele. Aqui ele possibilita, especialmente para um público mais jovem, um resgate da memória dos tempos duros e das iniquidades da ditadura militar. E faz isso de uma forma muito singular. Walter Salles constrói o seu filme de uma forma plácida e civilizada. Além disso, como colocado na pergunta, o filme chega às salas de cinema dos diferentes continentes num contexto político desafiador. Certamente *Ainda Estou Aqui* provocará distintas reflexões mundo afora. Como assimilarão a obra os europeus de Meloni, do Chega, da direita neonazista alemã e da nem tanto francesa? No continente Sul-Americano e no México, o filme cumpre a mesma função didática de resgate da memória que cumpre no Brasil. Especialmente, claro, na Argentina de Milei, que, assim como o governante anterior do Brasil, desfinanciou todas as instituições ligadas à arte (o cinema em especial) e à memória da ditadura militar argentina.

2. RCC: Diante da sua trajetória singular e experiência, conte-nos sobre as ações de articulação e mobilização do cinema, educação e mediação no Distrito Federal, bem como, sua observação sobre a formação e a participação dos docentes e discentes nesse contexto.

Sérgio Moriconi: Mais uma vez é necessária uma contextualização. Como professor da antiga Fundação Cultural de DF, depois Secretaria de Estado de Educação do DF, fui convidado pelo Embaixador Vladimir Murtinho para trabalhar no Centro de Tecnologia Educacional – depois Nutel, depois TV Escola – produzindo vídeos educativos e institucionais. No início dos anos 90, fui chamado para compor a equipe do Espaço Cultural 508 Sul como parte de um convênio celebrado entre as Secretarias de Educação e Cultura. Minha função era dar aulas e estimular atividades voltadas para a área de cinema. Eu tinha consciência que o espaço fazia parte da pioneira “Unidade de Vizinhança”, elemento fundamental do plano de Lúcio Costa e da proposta de Anísio Teixeira para a educação que incluía uma Escola Parque onde se devia ministrar aulas de complementação curricular ligadas à arte e cultura. Essa “Unidade de Vizinhança” faria parte do chamado “quadrilátero histórico” das superquadras 107/307/108/308. Histórico por várias razões, por ter conseguido preservar e realizar, na prática, o plano original

de Lúcio Costa, por ter abrigado no início dos anos 60 – antes do golpe, portanto – a Novacap, logo em seguida a Fundação Cultural do DF, dirigida no período 60/62 pelo, imaginem só!, poeta Ferreira Gullar. A localização da Fundação Cultural se revelaria estratégica. Nas suas imediações funcionavam os seminais colégios Caseb e Elefante Branco, a citada Escola Parque e, ao seu lado, na W3, em frente à Praça 21 de Abril, o Cine Cultura. Mais adiante, nas redondezas, entre as 107/108 Sul, o Cine Brasília. A cultura da protocidade de Brasília, em seus vários campos, nasceu ali. O Espaço Cultural 508 Sul, depois batizado de Renato Russo, tinha esse *background* por trás. Ciente disso, criei – entre outros – um curso permanente chamado “Usina de Cinema”, onde procurei atrair alunos dos colégios públicos das redondezas e da cidade de um modo geral. Mais adiante, como parte de comissão organizadora do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, lutei para que a sua programação incluísse uma mostra de filmes produzidos pelos alunos da rede oficial de ensino sob a coordenação dos professores. Essa ideia consubstancia a minha percepção de que a educação é indissociável da cultura e da arte.

3. Sua formação ocorreu nas escolas públicas do Distrito Federal, no Jardim de Infância 21 de Abril, na Escola Classe 114 Sul, no Caseb e na Universidade de Brasília, no qual, foi aluno de Vladimir Carvalho, na década de 1970. Como a escola pública contribuiu para suas escolhas profissionais e de que maneira, ações pedagógicas, na Educação Básica, sobre o cinema, podem favorecer a compreensão dos sentidos na formação dos docentes e discentes?

Sérgio Moriconi: Sem dúvida a escola pública teve um papel determinante na minha formação. Antes de mais, é necessário contextualizar. A minha formação, até o ingresso na Universidade, se dá nos anos 1960/1970, e proporcionava uma singular e abrangente perspectiva da realidade. No Caseb, por exemplo, eu tinha como colegas filhos de deputados e filhos dos motoristas desses mesmos deputados compartilhando uma mesma sala de aula. Era uma utopia irrealizável nos dias de hoje. Nós temos que dar crédito a todo o projeto educacional da nova capital que incluía de uma forma articulada o ensino básico, o secundário e o universitário. Lembramos o caso do CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio), uma espécie de laboratório pedagógico da Faculdade de Educação da UnB. O próprio Darcy Ribeiro declarou que o CIEM havia sido a melhor experiência em educação secundária feita no Brasil. Era um projeto de Anísio Teixeira, considerado o pai da escola pública no Brasil, e de Darcy Ribeiro, entre outros. Havia uma articulação entre os vários níveis de ensino que se estendiam para a comunidade. Ou seja, o ensino não ficava restrito às quatro paredes das instituições. Para dar um exemplo, eu,

ainda na adolescência, participei, como aluno, de cursos de cinema ministrados pelos professores como Rogério Costa Rodrigues, Geraldo Rocha e Geraldo Sobral, meus futuros mestres no Departamento de Comunicação da UnB. Eram cursos abertos à comunidade, ministrados no auditório da Escola Parque de Brasília, como parte da extensão à população das disciplinas curriculares ligadas às artes oferecidas pela UnB. Da mesma maneira, antes ainda, quando criança pude assistir ao clássico *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, projetado na lateral de um prédio da SQS 308, também uma iniciativa de um professor da universidade. O encontro com Vladimir Carvalho na UnB foi uma consequência natural desse processo. Fui seu aluno e monitor nas disciplinas que ministrava.

4. RCC: O Cine Brasília é templo do Cinema, obra de Oscar Niemeyer, com projeto estrutural de Joaquim Cardozo, intervenções de Athos Bulcão e poltronas originais de Sérgio Rodrigues. O espaço contribui com a difusão do cinema e a formação do público no Distrito Federal, por meio das exibições dos filmes produzidos em Brasília, do cinema experimental no Brasil, das mostras e festivais e principalmente, do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Como curador e programador do Cine Brasília por vários anos, comente sobre a produção cinematográfica no Distrito Federal e quais os desafios atuais sobre o acesso e a popularização do cinema.

Sérgio Moriconi: Essa é uma questão complexa. Sim, o Cine Brasília contribui para a difusão e para o estabelecimento de uma cultura de cinema não ligada apenas ao entretenimento. Mas para que sua função seja mais efetiva nos programas com as escolas é necessário um trabalho em sala de aula. De um lado, apresentando os artistas criadores da cidade (arquitetos, paisagistas, artistas plásticos, *designers*, etc). Depois, em sua função específica, discutindo os filmes que são apresentados do ponto de vista estético e relacionando-os com a história do cinema. Em relação ao segundo aspecto da pergunta: é verdade que Brasília já possui uma enorme produção

cinematográfica, com cineastas provenientes de suas várias regiões administrativas. Isso deve ser aprofundado. Uma maior dinâmica de discussões deve ser estimulada, já que com a decadência ou mesmo extinção dos cadernos culturais dos principais jornais, e ainda a ausência de publicações culturais, as ideias não circulam da forma como deveriam. É muito importante provocar esse tipo de encontro nas escolas (a criação de cineclubes e pequenas publicações, por exemplo), nas instituições culturais e nos cinemas mais independentes como o Cine Brasília. Também é preciso lutar pela abertura de salas de exibição em todas as regiões administrativas do DF. São coisas que vão contribuir para aquilo que chamamos de “um virtuoso caldo cultural” de onde vão sair os futuros realizadores e uma plateia ativa capaz de sustentar a atividade e criar uma consciência crítica relevante e sólida.

5. A Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal organizou, em parceria com a Secretaria de Cultura, os Festivais de Filmes Curta-metragem das Escolas Públicas de Brasília (2015 à 2019). O Festival foi integrado ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, por meio da mostra de produções audiovisuais e da formação de estudantes da Educação Básica. Como diretor do Cine Brasília, sua colaboração e contribuição na realização desses festivais foram de extrema importância. Comente sobre esses festivais e de que maneiras, ações como essa, podem potencializar as formações dos docentes e discentes em relação ao cinema, a educação e o protagonismo estudantil.

Sérgio Moriconi: De certa maneira, a questão já foi respondida, mas acrescentaria que os festivais e encontros de cinema têm o potencial de criar uma energia e um ambiente crítico impossível de ser conseguido de outra forma. É importante salientar que os filmes apresentados em festivais e mostras não são apenas os filmes, eles incluem todo um contexto de discussões e encontros onde é possível colocar em choque diferentes perspectivas de cinema, de arte e de vida. Essa seria, na minha opinião, a forma mais evoluída de pedagogia. ■